

JOSÉ SARNEY

Dar nome aos bois é coisa difícil e muito mais difícil é dar nome às coisas.

Veja-se o Fundo Social de Emergência. Para facilitar sua aprovação e oferecer um tom generoso à garfada que se ia dar na execução do Orçamento, resolveram batizá-lo de **Fundo**; para que não se pensasse que era um caixa, corte, reserva etc. e tal, colocou-se **Social**, para que ficasse marcado como uma definição destinada a apoiar os problemas dos baixos indicadores sociais, assim como dinheiro destinado a distribuir alimentos, construir casas populares, postos médicos, saneamento nas favelas e ajuda comunitária e, finalmente, de **Emergência (FSE)** para mostrar que não era uma coisa definitiva, mas afitiva, que necessitava de um tratamento urgente, emergencial, agudo, transitório, mas necessário, que não podia nem devia ser postergado.

Agora, depois que descobriram que o Fundo não fez nada disso e comprou goiabada, queijos e vinhos, abasteceu o numerário das embaixas

das e tapou os lombos orçamentários, todos colocaram a culpa no nome. O nome não correspondia ao que era exatamente o Fundo, isto é, os batizadores tinham cometido uma verdadeira heresia, dando um nome que não era o nome do Fundo, nem a finalidade do Fundo. Se ele podia ser "pau de pau d'arco roxo", para que chamá-lo social? Seria melhor Fundo Global Quebra-Galho. Agora, deseja-se renovar o Fundo. Mas esse problema parece que vai ser resolvido.

A sugestão de um novo nome já chegou: já que o Fundo veio para ajudar a estabilidade, o Fundo vai se chamar Fundo da Estabilidade Financeira. Já um outro deputado deseja um nome mais claro, alguma coisa assim como Fundo Real feito para resguardar o real. Mas esse apelido foi vetado para não ser confundido com o movimento monarquista, já derrotado no plebiscito ou com o fundo de investimento bancário. Agora, surgiram indagações profundas. Com o novo nome não vai dar para dizer-se prorrogação e sim Fundo Novo, o que afunda a estratégia de lançamento do primeiro, a única e grande realização da Reforma Constitucional de 1993. O que é difícil porém justificar é por que

Bráulio e o FSE

uma coisa de emergência é definitiva; entenda-se que definitivo é para ser interpretado como instrumento para somente funcionar no atual período de governo. Todas essas dificuldades por causa do nome.

A mesma coisa está acontecendo com a campanha contra a Aids. O nome que escolheram deu na maior confusão e a campanha teve de sair do ar e criou uma revolta nos que se chamam Bráulio, um temor nos que não se chamam porque podiam ser o novo nome escolhido e gerou uma polêmica que continua e já vai entrar no dicionário do Aurélio como um neologismo brasileiro para nominar aquilo que, tendo tanto nome, precisava de um nome novo, tudo por causa de um batismo mal escolhido que passou a ter repercussões sociais e linguísticas.

O nosso Código Civil diz que o prenome é inalterável. Um sujeito que se chama Bráulio da Fonseca Silva pode mudar para Bráulio Silva, Bráulio Fonseca ou um outro nome, que pode ser Bráulio Verdureiro ou Bráulio Pinto, ou seja lá o que for, Bráulio Cacareco, contanto que o Bráulio fique. O estigma, se é que acham os que se chamam Bráulio, é

perpétuo, fica. O primeiro nome não se pode mudar nunca. Se é Bráulio, vai ficar Bráulio para sempre. Veja-se a gravidade e o desastre dessa campanha. O pai coloca um nome que achou bonito e vem o Ministério da Saúde e destrói toda uma ilusão e significação. O casal sentado à mesa, entre sonhos de esperar o bebê, colocam o nome Bráulio — isso passa a ser o pesadelo de quem nasceu Bráulio: é uma coisa perversa.

No Maranhão tinha um Mussolini de Oliveira que quis retirar o prenome, colocado por seu pai quando era integralista e, depois da Segunda Guerra, sinônimo do que há de pior no mundo. Não conseguiu. O juiz indeferiu e ele ficou conhecido como "Musso" e jamais assinava o nome, só o apelido que não tinha valor jurídico. Quando meu pai era promotor em Balsas, nos anos 30, teve um empregado que se chamava Lib dos Povos da Siqueira. Procurou saber a origem. Nascera no dia 13 de maio e sua mãe leu na folhinha: "Lib dos Povos", abreviatura de libertação dos escravos e achou que aquele era o santo do dia. Meu pai só o chamava "Dos Povos". Um tio meu tinha o hábito de colocar o nome dos filhos conforme, suas admirações. Assim,

no tempo da Coluna Prestes, batizou Luís Carlos Prestes de Castro Leite, Juarez Távora de Castro Leite, Osvaldo Cordeiro de Farias de Castro Leite. Sofreram muito. Principalmente o Carlos Prestes. Todo exame de admissão liam seu nome e, naqueles tempos, o comunismo comendo criança, era logo reprovação. O Juarez Távora, que trabalhou na Câmara, um dia o apresentei ao general Juarez Távora. Contei-lhe a história: "E meu primo, tem o seu nome." Ele retrucou: "Que não sofra como eu sofri." Mal sabia ele que na campanha de 1955 o nosso Juarez, que não era candidato contra o Juscelino, várias vezes escapou de apanhar. Mas, voltando a meu tio, suas paixões e convicções passadas aos filhos se interrompiam quando nascia uma mulher. Tal quando a coluna dissolveu-se. Depois ele teve uma temporada de exaltação espírita e então surgiu Alan Kardec, depois Alan Kardec Seguindo, e novamente veio uma filha e ele interrompeu sua crença. Teve 18 filhos, muitos vivos, primos que muito prezo. Eu mesmo, quando assistia a um batizado coletivo na Igreja de Ribamar, e o padre João, famoso pároco daquela cidade, ao passar pela criança perguntava o nome da

criança ao pai, e um respondeu. Ori-noco! E ouvi o padre contestar irritado: "Por que não colocou seu nome de Orinó?" E o célebre Prodamor, que já foi notícia em todos os almanaques de curiosidade? Chamava-se Prodamor Conjugal Marimel Marichal, que nada mais era do que o produto do amor conjugal de Maria Amélia com Mariano Chagas. Veja-se que não estou tratando de apelidos e sim de nomes próprios registrados nos cartórios.

Tudo por causa do perigo de por nome, e isso vale tanto para o Fundo de Emergência como para a Campanha da Aids. Ambos têm de ser reformulados. No nome e no fundo.

Mas, pena mesmo, eu estou de monsenhor Bráulio, que muitas vezes vi em desobriga na fazenda do meu avô e que durante tantos anos foi vigário de São Vicente Ferrer, príncipe da igreja e grande orador sacro, que deixou longa prole de pessoas ilustres, agora com a memória toldada por essa campanha pornográfica, que pelas más línguas pode ser interpretada como uma homenagem.

José Sarney é presidente do Senado Federal.